

II SEMINÁRIO DE PESQUISA EM ANÁLISE DO COMPORTAMENTO
Práxis em Análise do Comportamento
Universidade Estadual de Maringá
Laboratório de Filosofia e Metodologia da Psicologia
7 a 8 de Junho de 2019

**O PAPEL SOCIAL DA PSICOTERAPIA: EXISTE ALGUMA FUNÇÃO PARA A
TERAPIA NA LUTA CONTRA O *STATUS QUO*?**

Bernardo Dutra Rodrigues (Centro Paradigma, São Paulo-SP).

contato: bdr367@yahoo.com.br

Palavras-chave: Psicoterapia. Terapia analítico-comportamental. Saúde coletiva.

A psicoterapia se coloca como um dispositivo que irá trabalhar com aqueles que entram em conflito de alguma forma com o *status quo*, e.g., a criança que não tira as notas esperadas na escola; o indivíduo que não está conseguindo ir ao trabalho por conta de sintomas ansiosos; a pessoa que está apresentando sintomas delirantes; ou a criança abrigada que sofreu violência. Inevitavelmente, o paciente que busca psicoterapia está em conflito com a norma de alguma forma; e uma parte da função do terapeuta é ajudá-lo a desenvolver um repertório para lidar com esses problemas. Sabe-se que a cultura guarda um lugar seguro para os dispositivos sociais que servem à manutenção do *status quo*. Em um primeiro momento, a psicoterapia se mostra como uma ferramenta paliativa, que apenas leva o indivíduo de volta para o ambiente que lhe adoeceu. Entretanto, isso denota uma confusão entre o papel da psicoterapia – e de outros dispositivos de saúde mental – na promoção da saúde coletiva e na luta por justiça social. A psicoterapia pode ser entendida como uma prática voltada para criação de repertórios de contracontrole, e de identificação das contingências sociais ligadas às estruturas sociais desiguais de poder. Nesse contexto essa prática não promove diretamente uma mudança no *status quo*. Todavia, ela pode criar repertórios de escolha, resolução de problemas e de autocontrole, que serão importantes para que, em um outro momento, outros dispositivos sociais possam permitir o engajamento dos indivíduos em práticas que influenciem diretamente nas relações de poder do ambiente (e.g., a militância; a construção de redes ou grupos de apoio; o reconhecimento e a aceitação da sua própria identidade social). A psicoterapia deve ser entendida como uma profissão inserida em uma rede de colaboração ativa entre diversas outras profissões. Essa rede deve ser hierarquizada e estruturada de tal forma que se possa exigir um produto de acordo com que cada prática possa dar. Em sua perspectiva mais simples, essa hierarquia diz respeito às práticas que lidarão com os problemas gerados diretamente pelas estruturas desiguais de poder no ambiente, e aquelas práticas que enfrentarão diretamente essas estruturas visando a sua modificação. Ser uma prática que lida com o adoecimento provocado pelas relações desiguais de poder, é ser constantemente confrontada com a possibilidade de ser uma ferramenta a favor do *status quo*, e de trabalhar apenas em prol de cuidar de um indivíduo, para que ele possa retornar para seus afazeres mais tarde. Cabe ao psicoterapeuta reconhecer, no estabelecimento dos objetivos terapêuticos juntos ao paciente, os repertórios comportamentais que poderão não só aliviar os sintomas, mas também gerar a sua autonomia.